

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO
12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Curso Geral – Agrupamento 4

Duração da prova: 120 minutos
2005

2.ª FASE

PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS A

Esta prova é constituída por três grupos de resposta obrigatória.

Não é permitido o uso de dicionário.

GRUPO I

Leia atentamente o seguinte texto:

- 1 Carlos, logo à sopa, falando-se de campo e de um chalé que ele desejava construir em Sintra, nos Capuchos, dissera – «quando nos casarmos». E Ega aludiu a esse futuro do modo mais grato ao coração de Maria. Agora que Carlos se instalava para sempre numa felicidade estável (dizia ele) era necessário trabalhar! E lembrou então a sua velha ideia do cenáculo, representado por uma revista que dirigisse a literatura, educasse o gosto, elevasse a política, fizesse a civilização, remoçasse o carunchoso Portugal... Carlos, pelo seu espírito, pela sua fortuna (até pela sua figura, ajuntava o Ega rindo) devia tomar a direcção deste movimento. E que profunda alegria para o velho Afonso da Maia!
- 5 Maria escutava, presa e séria. Sentia bem quanto Carlos, com uma vida toda de inteligência e de actividade, reabilitaria supremamente aquela união, mostrando-lhe a influência fecunda e purificadora.
- 10 – Tem razão, tem bem razão! – exclamava ela com ardor.
- Sem contar – acrescentava o Ega – que o país precisa de nós! Como muito bem diz o nosso querido e imbecilíssimo Gouvarinho, o país não tem pessoal... Como há-de tê-lo, se nós, que possuímos as aptidões, nos contentamos em governar os nossos *dog-carts*¹ e escrever a vida íntima dos átomos? Sou eu, minha senhora, sou eu que ando a escrever essa biografia de um átomo!... No fim, este diletantismo é absurdo. Clamamos por aí, em botequins e livros, «que o país é uma choldra». Mas que diabo! Porque é que não trabalhamos para o refundir, o refazer ao nosso gosto e pelo molde perfeito das nossas ideias?... Vossa Excelência não conhece este país, minha senhora. É admirável! É uma pouca de cera inerte de primeira qualidade. A questão toda está em quem a trabalha. Até aqui, a cera tem estado em mãos brutas, banais, toscas, reles, rotineiras... É necessário pô-la em mãos de artistas, nas nossas. Vamos fazer disto um *bijou*²...
- 20 Carlos ria, preparando numa travessa o ananás com sumo de laranja e vinho da Madeira. Mas Maria não queria que ele risse. A ideia do Ega parecia-lhe superior, inspirada num alto dever. Quase tinha remorsos, dizia ela, daquela preguiça de Carlos. E agora, que ia ser cercado de afeição serena, queria-o ver trabalhar, mostrar-se, dominar...
- Com efeito – disse o Ega recostado e sorrindo – a era do romance findou. E agora... Mas o Domingos servia o ananás. E o Ega provou e rompeu em clamores de entusiasmo.
- 30 Oh! que maravilha! Oh! que delícia!
- Como fazes tu isto? Com Madeira...
- E génio! – exclamou Carlos. – Delicioso, não é verdade? Ora digam-me se tudo o que eu pudesse fazer pela civilização valeria este prato de ananás! É para estas coisas que eu vivo! Eu não nasci para fazer civilização...
- 35 – Nasceste – acudiu o Ega – para colher as flores dessa planta da civilização, que a multidão rega com o seu suor! No fundo também eu, menino!

Eça de Queirós, *Os Maias*, Lisboa, Livros do Brasil, 1998

¹ *dog-carts* (palavra inglesa): pequenas carruagens usadas pela aristocracia.

² *bijou* (palavra francesa): jóia.

Elabore um comentário do excerto transcrito que integre o tratamento dos seguintes tópicos:

- significado dos projectos de Ega;
- reacções de Carlos e de Maria a esses projectos;
- aspectos estilísticos relevantes;
- importância do «prato de ananás» para a caracterização de Ega e de Carlos.

Observação:

Relativamente ao terceiro tópico, são exigidos quatro aspectos estilísticos.

GRUPO II

A questão seguinte refere-se à peça *Felizmente Há Luar!*, de Luís de Sttau Monteiro.

A nobreza moral de Matilde aproxima-a da trajectória de uma heroína trágica.

José Oliveira Barata, *História do Teatro Português*, Lisboa, Universidade Aberta, 1991, p. 375

Considere o juízo crítico apresentado e comente-o, fundamentando-se na sua experiência de leitura. Redija um texto expositivo-argumentativo bem estruturado, de duzentas a trezentas palavras.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2005/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

GRUPO III

Resuma o excerto a seguir transcrito, constituído por trezentas e catorze palavras, num texto de noventa a cento e quinze palavras.

Antes de iniciar o seu resumo, leia atentamente as observações apresentadas em final de página.

1 Único livro de poemas em português publicado em vida, um ano antes da sua morte, como se fora um testamento, *Mensagem* atraiu sobre Fernando Pessoa os primeiros aplausos ambíguos¹, cujo eco não se extinguiu ainda. Aplausos muito diversos dos que já então, mas sobretudo mais tarde, não serão regateados à restante obra do Poeta e, em particular, àquela
5 que ele mesmo colocou sob o signo da Heteronímia. Tomada de imediato como uma espécie de Bíblia do nacionalismo poético, apesar do seu misticismo obscuro, *Mensagem* tornar-se-á, rapidamente, um livro quase «popular». O tempo português de então, a Hora, como, em termos misteriosos, o próprio Poeta o evocava, prestava-se à celebração da «alma nacional», e foi nessa conjuntura unanimista² que, num primeiro momento, *Mensagem*
10 pareceu fundir-se. [...]

Em sentido oposto e, em parte, devido a essa confiscação³ «patriótica» do Poema, muitos dos que admiravam Pessoa como o mago que alterara a nossa paisagem lírica, ao mesmo tempo que a nossa visão do mundo, prestaram pouca atenção a um livro, na aparência alheio ao espírito donde procediam poemas tão obviamente inovadores e perturbantes como a «Ode
15 Marítima» ou «Tabacaria». Livro de um outro futuro, *Mensagem* teria que esperar uma leitura mais adequada ao seu mistério e à sua intrínseca estranheza – tanto no fundo⁴ como na forma [...]. Esses admiradores não ignoravam que o insólito autor de *Mensagem* era «vários poetas», uma «nação», como ele mesmo se definia. Mas era-lhes difícil aceitar que, entre os vários poetas que Pessoa era, houvesse algum pronto a assumir a máscara inquietante do
20 nacionalismo, mesmo sob a espécie «mística» que o poeta mencionara para que ninguém confundisse a sua visão com a vulgar apologia⁵ do «nacional». Nessa época, não era fácil compreender que, se *Mensagem* parecia destoar no meio da obra conhecida de Fernando Pessoa, ela se situava, exactamente, no centro (indefinidamente descentrado) do que, com felicidade, foi designado como a sua galáxia poética⁶.

Eduardo Lourenço, «Sonho de Império e Império de Sonho»,
Fernando Pessoa – Mensagem/Poemas Esotéricos, Madrid, CSIC, 1993

¹ ambíguos: cuja interpretação suscita dúvidas.

² unanimista: em que existe unanimidade.

³ confiscação: apropriação.

⁴ fundo: no texto, a palavra significa conteúdo.

⁵ apologia: louvor; defesa.

⁶ galáxia poética: obra poética vasta e complexa.

Observações:

1. Há uma tolerância de quinze palavras relativamente ao total pretendido (setenta e cinco palavras como limite mínimo, e cento e trinta como limite máximo). Um desvio maior implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

2. De acordo com o critério de contagem adoptado nesta prova – já explicitado no grupo II –, o fragmento a seguir transcrito é constituído por sete palavras: «*Mensagem*/ tornar-se-á,/ rapidamente,/ um/ livro/ quase/ “popular”/».

FIM

COTAÇÕES DA PROVA

GRUPO I	100 pontos
Conteúdo	60 pontos
Organização e correcção linguística	40 pontos
GRUPO II	50 pontos
Conteúdo	25 pontos
Organização e correcção linguística	25 pontos
GRUPO III	50 pontos
Conteúdo	20 pontos
Organização e correcção linguística	30 pontos
Total	200 pontos